

# **Histórias da Liberdade**

**Biblioteca Escolar | Português**



**Alunos do 4º Ano da EBI de Pereira e do 5º Ano da EB de Arazede**

**2023 - 2024**

## O dia 25 de Abril de 1974 contado por alguns dos seus símbolos

Recuperando a experiência do ano passado, a BE voltou a propor a leitura do livro *7x25 histórias da Liberdade*, de Margarida Fonseca Santos (Gailivro), e a escrita de pequenas histórias tendo como narrador um objeto simbólico associado à Revolução dos Cravos, a estratégia adotada na obra. Desta vez, foram desafiados os alunos do 4º Ano de Pereira e 5º Ano de Arazede, no âmbito da atividade “Escrever Abril” (assinalando os 50 Anos da Revolução).

Reúnem-se neste livro os textos escritos pelos alunos de ambas as escolas. Cabe dizer que, para além da pesquisa de informação histórica que esta atividade pressupôs, e do trabalho de expressão escrita, executado ao longo do 2º Período, foi ainda pedido aos alunos que fizessem o processamento informático dos seus textos. Todo o processo contou com a orientação das professoras (pesquisa; escrita; digitalização dos textos), porém o resultado aqui divulgado revela bem o empenho e o gosto que as crianças tiveram no cumprimento deste desafio.

Boa leitura!

**Imagem da capa:** Cravos confeccionados pelas crianças do 3º Ano com as famílias, inspirados na obra *História de uma flor*, de Matilde R. Araújo – atividade com a BE: “Livros Tagarelas” / Projeto “Escola a Ler”. Em exposição na BE. (EBI de Pereira).

# O Cravo

No dia 25 de abril de 1974, o povo revoltou-se e deu-se uma revolução pela Liberdade, que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos.

A minha Revolução!

O povo cercou Marcelo Caetano para trazer a Liberdade e a Democracia, após ouvirem na rádio a música “Grândola Vila Morena”, de Zeca Afonso.

Um menino, que acompanhava os pais na manifestação, pediu à mãe:

- Mãe, compra-me flores àquela florista, que são lindíssimas!

- Sim, filho! Leva estes escudos e compra 10 cravos vermelhos – respondeu a mãe com um ar bondoso.

- Senhora florista, quero 10 cravos vermelhos, por favor! – pediu o menino, muito entusiasmado.

- Aqui estão eles – respondeu a florista gentilmente.

Após comprar os cravos, o António foi ter com os seus pais, todo contente, e perguntou à mãe:

- Mãe, posso oferecer estes cravos vermelhos aos soldados?

- Que excelente ideia, filho! – exclamou a mãe, muito entusiasmada e orgulhosa da ideia do filho.

António, dirigiu-se aos soldados e ofereceu um cravo a cada um.

- Obrigado, menino lindo! – agradeceram os soldados, emocionados.

Depois de conversarem uns com os outros, os soldados decidiram colocar os cravos nas espingardas, para que não pudessem mais atirar balas. Assim, eu fiquei muito contente ao ser utilizado e participar na Revolução da Liberdade, que ficou com o meu nome associado, desde essa altura.

A minha Revolução!



**Grupo 1 – 4.º I EBI de Pereira**

# Megafone

Olá! O meu nome é Megafone e presenciei o dia vinte e cinco de abril de 1974. Foi um dia de alegria, a expulsão do Marcello Caetano e o fim da ditadura.

Estive nas mãos do grande herói de Portugal, capitão Salgueiro Maia. Ele mandou-me dizer em voz alta *«Capitão Maia manda que as forças apontem para o edifício, há pouco fez um ultimato a dizer que se não sair o coronel mensageiro, será destruído o quartel!»*

Se eu não estivesse nas mãos de Salgueiro Maia ninguém, incluindo Marcello Caetano, ouviria o meu companheiro. Por isso, afirmo que eu fui um dos objetos mais úteis, usados no dia mais feliz de Portugal, neste vinte e cinco de abril.

Por ser tão importante estive hospedado no Convento de S. Francisco em Santarém e já fiz parte da exposição “Salgueiro Maia – um legado ainda não cumprido”.



## A espingarda

Todos os dias eram iguais. Treinava no quartel, com balas para matar.

Num dia de madrugada, após ouvir uma música na rádio, levaram-me para uma revolução.

A caminho do quartel do Carmo, eu estava cheia de medo. Mas, quando chegaram os meus colegas, tanques e espingardas, acalmei-me e fiquei mais descansada. De seguida, comecei a atirar balas contra o edifício para assustar Marcello Caetano. Passado algum tempo, ele rendeu-se.

Estávamos todos juntos, quando vi uma senhora com cravos vermelhos, a distribuí-los pelos soldados que os puseram nos seus canos. Foi então que descobri que não servia apenas para atirar e destruir, mas que também tinha poderes para estabelecer a paz e a democracia, apenas com a minha presença.

**Grupo 3 - 4.º I da EB1 de Pereira**

## Eu, o capacete

Eu estava dentro do armário quando tudo começou.

O meu dono pegou em mim para salvar os habitantes e a ele.

Eu não ouvia tiros, mas via cravos nas pontas das espingardas. No rosto das pessoas, via sorrisos em vez de tristeza. Ouvi uma música estranha, mas melodiosa, chamada «E depois do adeus» e a seguir ouvi «Grândola Vila Morena». Lá fora, vi os meus primos e irmãos que estavam muito agitados.

Fui de Santarém a Lisboa e ao chegar ao quartel do Carmo, o Salgueiro Maia obrigou o Marcelo Caetano a sair do edifício onde permanecia, a render-se perante o povo e a multidão festejou.

E foi assim que eu, o capacete, vivi o 25 de abril de 1974

**Grupo 4 – EBI de Pereira**

## Eu, a espingarda

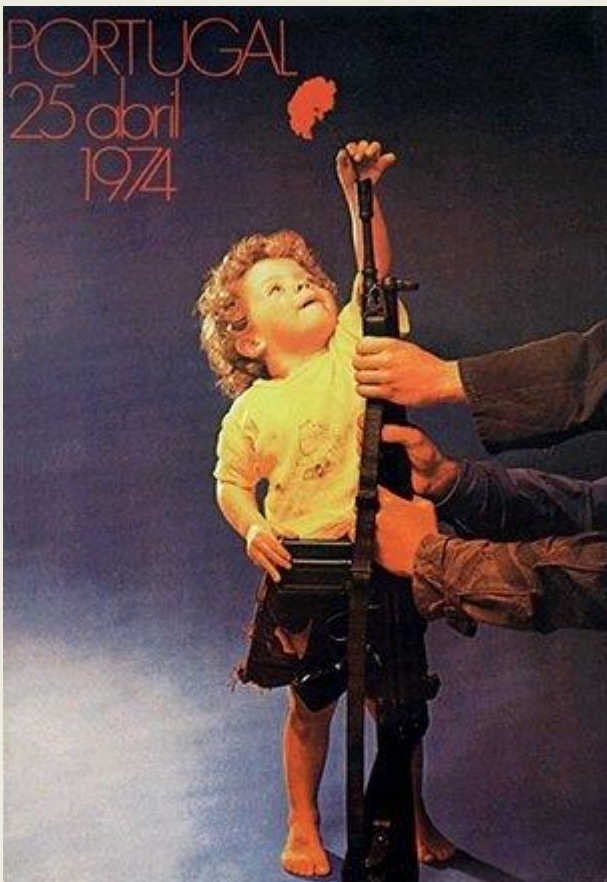
A minha vida era feia e violenta, a matar pessoas. Mas chegou um dia que foi o melhor dia da minha vida.

Naquele dia, eu e todas as minhas amigas, fomos a Portugal. Quando chegámos ficámos confusas e exclamámos:

- Olha, eles são doidos! Querem vencer o Marcelo Caetano, depois de ouvirem músicas ilegais. Será que acreditam mesmo que vão ser capazes?

Decidimos ajudar. Atacámos. Como eu era corajosa, eu disse que nós íamos vencer. Depois de algum tempo, o Marcelo Caetano rendeu-se. Foi quando começámos a atirar cravos vermelhos que nos deram.

Foi um dia que eu não esquecerei!



**Grupo 6 – 4. I EBI de Pereira**



## OS ÓCULOS DO MARCELLO CAETANO

Olá, **somos os Óculos**, mas não uns como os teus! Somos os Óculos do Marcello Caetano. Vamos lá recuar muitos anos e saber um pouco da nossa história... com o Marcello.

Ele cresceu... e tornou-se uma figura importante, mas de que ninguém gostava. E sabes porquê? Foi Ministro do Estado Novo, em 1968, após o Salazar ter falecido, no tempo da ditadura. E nós, os seus Óculos, a tudo assistimos, porque estávamos na cara dele quase a toda a hora.

Mas algo aconteceu no dia mais belo de que nos lembramos, o dia 25 de abril...

Ouvimos muitos barulhos que vinham da rua, e quando olhámos, era o MFA que tinha tomado conta da capital e toda a gente tinha vindo para a rua, até parecia que o ano estava a começar... Mas não, era bem melhor (até nós, os Óculos, tivemos vontade de saltar da janela e ir para ao pé daquela multidão gritar). E gritavam tão forte que sentimos o nosso dono a tremer... Ele ainda pediu ajuda à Legião e ligou para o Presidente da República, que nem atendeu (nós, os Óculos, estávamos transpirados). Mas sabíamos que era a Revolução! E nós sabíamos que o povo não aguentava mais aquela ditadura. Viver sem ser livre, como e nós, os Óculos, presos naquela carapaça, que também detestávamos. Pois foi, os militares prepararam um golpe de estado às escondidas e sem derrame de sangue!

Ficámos tão contentes... ao ver aquela gente a gritar e a chorar de alegria... e a chegarem os militares ao quartel do Carmo, onde o Marcello, o Chefe do Governo, estava refugiado. Foi levado dali e nós também... raios! Porque não nos atirámos ao chão e ficámos desfeitos?

Fomos para a Madeira, onde este tolo ainda sentia algum orgulho! E mais tarde para o Brasil, onde anos depois o ex-chefe morreu. Mas nós, há muito que o tínhamos deixado.

**Aonde fomos parar? Nem nós sabemos, mas tal como os portugueses, somos LIVRES!**



5º Ano – EB Arazede

## A Rádio

Eu sou a Rádio e sabem como me chamo? Rádio Clube Português e fui muito importante para o êxito que o **25 de Abril** obteve. Eu era a melhor companhia dos portugueses, porque a televisão ainda era para muito pouca gente.

E fui eu, a **Rádio Clube Português**, quem deu a conhecer aos portugueses o que estava a acontecer naquela manhã primaveril, do dia **25 de abril** de 1974. Sabem o que era? Lisboa tinha acordado com uma **revolução militar**, que derrotara a ditadura, que dominava desde 1933, com o Estado Novo.

No dia 24 de abril, pouco antes das 23 horas, a Emissora Nacional transmitiu a canção “E Depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, que serviu como sinal de que a revolução ia pôr-se em marcha. No dia **25 de abril**, a **rádio** Renascença transmitiu a canção “Grândola, Vila Morena”, de Zeca Afonso (proibida de passar na rádio, porque era associada ao comunismo).

Eu, a Rádio, fui transformada no posto de comando do “Movimento das Forças Armadas” e fiquei conhecida como a “Emissora da Liberdade”.

Foi através de mim, a Rádio, que a população ficou a saber o que se estava a passar na capital e a música de Zeca Afonso derrotou a **ditadura** que se vivia no nosso país.

Vários militares de zonas diferentes do país avançaram até à capital e não me deixaram dormir, nem a mim nem a ninguém e o jornalista Joaquim Furtado leu um comunicado, onde pedia a todos para manterem a calma e ficarem em casa.

Ao longo da manhã, as emissoras portuguesas noticiaram que Lisboa estava a ser invadida por militares e pediram aos cidadãos para não entrarem em conflito com eles, para que não houvesse mais confusões.

O povo ficou a saber, através das emissoras, que as rádios, a RTP e o aeroporto de Lisboa tinham sido ocupados. Preparava-se um cerco ao Quartel do Carmo, onde se dizia estar escondido Marcelo Caetano.

Eu, a Rádio, soube que a revolução tinha vencido, porque o regime fascista tinha acabado. Graças à revolução, os presos políticos foram libertados, as guerras coloniais acabadas e o povo pôde votar livremente. Tudo isto sem se derramar uma gota de sangue.

**Foi graças à revolução que podes agora ouvir a minha história, a da Rádio, e podes ter liberdade de expressão!**





## **EU SOU A CADEIRA**

**Olá! Eu sou a Cadeira! Mas não uma qualquer... sou a Cadeira de Salazar!**

Querem saber a minha história?

Então venham comigo!

Eu era a cadeira de António Salazar, e servi para que ele se sentasse em mim.

António Salazar foi um ditador português e tanto vi e ouvi, que me doeu.

O povo sem liberdade e ele, que em mim se sentava... era o ditador número 1. Por causa dele e dos outros que o seguiram, viveu-se na escuridão muitos e muitos anos.

Certo dia, estava ele para se sentar, caiu acidentalmente de cima de mim (não fiz de propósito) e bateu violentamente com a cabeça no chão. Ops! Deve ter doído! Eu fiquei partida... mas não fez mal!

Salazar não percebeu de imediato a situação, mas, dias depois, foi visto por médicos que logo avançaram com uma cirurgia à zona do crânio.

António Salazar não voltaria a recuperar a lucidez e teria de ser substituído na liderança do governo por Marcello Caetano.

Aquela queda representou o início do fim da era salazarista.

Não havia volta a dar, até porque ele já tinha 80 anos... e começou então a sua prisão: falta de saúde, falta de liberdade! E eu, mesmo partida e sozinha, agradei não ter de servir mais de assento a tal pessoa...

**Acreditem que mais vale uma cadeira sozinha ...  
...do que servir de assento àquele ditador.**



## O MEGAFONE

Olá, amigos!

Eu sou o célebre Megafone do 25 de abril!

Naquele dia, o Largo do Carmo estava repleto de populares e militares. O ambiente era tenso. No quartel, membros do Governo, incluindo o presidente do Conselho, encontravam-se sitiados e era exigida a sua rendição: "Atenção Quartel do Carmo, têm dez minutos para abandonar o quartel. Se não o fizerem... será destruído!"

Eram 19:30, e Marcello fez saber que se queria render...

A pedido dos militares, Francisco Sousa Tavares empoleirado numa das guaritas situadas no exterior do quartel, agarrando em mim, que até me assustei, colocou-me lá bem alto e anunciou: *"Povo português, vivemos num momento histórico como desde os dias de 1640 não se vive: é a libertação da pátria."*

Francisco S. Tavares ficou para a história como o primeiro político português a falar ao povo, bem como a ter seguido de perto as operações comandadas pelo capitão Salgueiro Maia. Este, audacioso e sereno, pediu a Francisco que falasse ao povo...

E assim eu também fiquei para a história como o primeiro megafone, porque foi através de mim, o Megafone, que as palavras que todos ouviram da sua boca, lá sentado no alto, foram ditas... e bem lá do alto!!!

**Amigos, nos dias de hoje, podem-me visitar na Casa da Cidadania Salgueiro Maia, em Castelo de Vide, onde me encontro junto ao uniforme do capitão.**

**AGUARDO a vossa visita!**



5º A – EB Arazede

## Eu sou a Espingarda do 25 de abril

Olá, eu sou a Espingarda e, normalmente, sirvo para matar gente, mas nesse dia 25 de abril algo inesperado aconteceu!

Estava eu nas costas de um soldado, quando chegou perto de mim uma mulher, que parecia ser florista, porque vinha carregada de cravos, chamada Celeste.

Então, ouvi o meu soldado a pedir-lhe um cigarro, ela disse que não fumava e deu-lhe um cravo vermelhinho... Tão lindo, achei, logo que o vi. E qual não foi o meu espanto quando o meu soldado o colocou no meu cano, e, sabem o que aconteceu? Nós todos, os soldados e as outras espingardas, fomos até ao quartel do Carmo (GNR), local onde Marcello Caetano se refugiou.

Enquanto desfilávamos pelas ruas, íamos ouvindo músicas da Liberdade.

À medida que nos juntávamos no largo do Carmo, estranhávamos o Marcello Caetano não se render. Houve uma rajada de nós, as espingardas, que fez com que ele se rendesse... Todas nós, as espingardas, estávamos enfeitadas com os cravos... Parecia um jardim!

**A partir desse momento, percebi que as pessoas eram livres e eu também me senti livre, sem ter de ferir alguém!**



5º Ano – EB Arazede

# O Tanque

Bom dia! Sabem que eu sou?

**Eu sou um Tanque, mais conhecido como Tanque de guerra. Sou cheio de grandes motores e ainda possuo capacidades para combater, como: o poder de fogo, a ação de choque, a proteção/mobilidade e as comunicações.**

Sabem como me movimento sem ter pernas? Com a ajuda da esteira, mais conhecida por lagarta.

Tenho duas cores: verde tropa e castanho. E esta é a minha história.

Vim do “Ultramar”. Daquela guerra colonial a que chamaram da Libertação e fui convocado para uma grande missão, apresentando-me logo ao serviço.

Naquela madrugada, do dia 25 de abril de 1974, ouviu-se a rádio tocar a música “E Depois do Adeus”. Esta a música serviu de senha de partida e a revolução pôs-se em marcha.

Nós, os tanques, avançámos de Santarém com o nosso capitão, Salgueiro Maia, e o resto dos soldados subiu para cima de nós e conduziram-nos até Lisboa, mais precisamente, ao Terreiro do Paço, onde estava já uma multidão e tantos camaradas tanques como eu. Parecia ouvir-se música e gritos como “Liberdade”, “Paz” e “Amor”. E, sim, a “Grândola Vila Morena” e ecos, como: “O povo unido jamais será vencido”.

Até vi os soldados, sem armas, sem nos usarem, mas com os cravos nos canos das suas espingardas. Foi uma alegria... nós, os tanques, não levámos com balas nem mísseis em cima... Revolução sem sangue...mas com paz! Vitória conseguida por todo nós!

**Acreditem ou não, sem esta data importante vocês não poderiam ser quem querem, nem estar juntos na mesma escola a escrever textos com cheiro a liberdade.**



**E VIVA A LIBERDADE!!!**

**5º Ano – EB Arazede**

## Sou o Semáforo

E tenho três cores...vermelho e verde e amarelo... sou tricolor! E a minha função é comandar o condutor, aqueles que viajam e ainda os peões... Ai, ai! Que cumprir está cada vez mais difícil... Mas houve quem o fizesse há 50 anos.



Pois bem, vou explicar-vos por que razão um semáforo, mas não um qualquer, EU, O SEMÁFORO, faço parte da revolução de Abril, embora um bocado da história me tenha sido contada.

Sabem, o capitão Salgueiro Maia estava em Santarém e convenceu os seus homens da Escola Prática de Cavalaria a irem até à capital, fazer a revolução e acabar com a ditadura. O capitão, de 29 anos, disse: “Quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto.” E lá foram eles, a coluna de militares dessa escola...

Passaram por alguns semáforos, primos meus, mas sem problema, atravessando a portagem de Sacavém.

De repente, vejo eu, ao fundo, uma coluna de viaturas, tanques e sei lá mais o quê, a chegar ao meu sítio, o Campo Grande e ... iam-se aproximando e eu, sem saber, pumba, o **vermelho acendi** e tudo parou ali, no cruzamento da Cidade Universitária, ou melhor parou em mim, o **Semáforo**...

Lembrem-se que estava em curso uma Revolução, mas, ainda assim, alguém parou num sinal vermelho, que por acaso era eu mesmo! Para cumprir uma regra de trânsito e obedecer ao Código da Estrada, acabando por imobilizar uma coluna militar... Mas ouvi então uma voz que gritava bem alto, era o capitão Salgueiro Maia, irritado com o ridículo da situação, de ter de parar ao sinal vermelho... E atrasar a revolução? Nem pensar!

E manda avançar e dá ordem, mesmo comigo no vermelho, para não haver mais paragens até ao Terreiro do Paço – estava em curso uma Revolução!

Fiquei admirado com tal desobediência, mas quando soube que a **Liberdade** estava a caminho e a entrar na capital e no país, comuniquei aos meus primos que, enquanto a revolução durasse, o vermelho estaria fora de circulação... e o verde sempre aceso! **Tenho em mim, o Semáforo, as cores da revolução: vermelho – sangue e amor; verde – liberdade e esperança; amarelo – calor e felicidade!**

O tempo era importante e os atrasos podiam acabar mal... Mas tudo acabou bem... graças à organização, coragem, determinação dos Capitães de Abril e de todos os militares... e viveram num país democrático e livre (mas cumprindo as regras de trânsito, ok?).

# **EU, O CRAVO!**

**Olá, eu sou um dos cravos do 25 de abril.**

Amigos, hoje vou contar a minha história e, por isso, iremos recuar 50 anos.

No dia 25 de abril de 1974, estava eu, nas mãos, ou melhor, no cesto, da senhora Celeste Caeiro, que vinha da inauguração do restaurante “Franjinhas”, quando ia, com os meus outros cravos, com a minha dona, a Celeste, a chegarmos à praça, e vi uma multidão e tantos militares. Fiquei quase congelado... de susto!

Então, vejam lá, um soldado, lá de cima do seu tanque, pediu-lhe um cigarro, mas como a Celeste não fumava, deu-me a mim, e em seguida, deu a todos o que a rodeavam os meus colegas, cravos vermelhos... e lindos e cheirosos como eu. E os soldados, ao verem tal beleza, nos canos das suas espingardas nos enfiaram.

E lá fui eu lançado pelo ar com os meus colegas, e foi divertido, mas a pior parte, foi cair no chão.

Sabem que o que eu estou a contar é verdade.

E a partir dessa data, eu simbolizo uma revolução sem sangue, pois as espingardas não dispararam balas, mas sim cravos. E deu-se a essa revolução o meu nome e a de todos os outros cravos.

Chegou a liberdade, os portugueses agora podiam votar, estudar, dar a sua opinião, ler o que queriam e muitas outras coisas mais.

Até eu, o Cravo, estava a dançar no ar, sentia-me livre.

Os cravos vermelhos, assim como eu, simbolizamos a ausência do sangue na revolução e sou também uma flor bonita de que muitas pessoas gostam.

Foi um dia cheio de emoção. Portugal estava livre, já não precisava de seguir ordens do Marcelo Caetano.

Há mais símbolos do 25 de abril, mas eu considero-me o melhor.

**Gosto de ser o Cravo!**



5º Ano – EB Arazede



